

JAIMESALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

III



OFERTA

JAIMÉ SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

Posfácios de SEBASTIANA FADDA
e de JOSÉ MASCARENHAS

III

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

UMA QUESTÃO DE TEMPO

Quando se trata de tempo, há uma questão de fundo que se coloca: o tempo é uma entidade independente da mente ou é apenas uma construção mental? Essa pergunta é central para a filosofia da mente e da linguagem.

Uma resposta possível é que o tempo é uma entidade independente da mente, mas que nossa percepção dele é limitada. Isso significa que o tempo existe independentemente de qualquer observador, mas que nós só podemos perceber uma pequena parte dele.

Outra resposta é que o tempo é apenas uma construção mental, criada por nossa mente para organizar as experiências que vivenciamos. Nesse caso, o tempo não existiria sem a mente que o percebe.

Essa questão de tempo também tem implicações importantes para a física. A relatividade especial de Einstein mostrou que o tempo não é absoluto, mas depende do movimento do observador. Isso sugere que o tempo pode ser uma entidade mais complexa do que imaginamos.

Em suma, a questão de tempo é uma das mais profundas e desafiadoras da filosofia. Ela nos faz refletir sobre a natureza da realidade e sobre o papel da mente nela.

Essa discussão é relevante para a compreensão da natureza do tempo e da mente, e para a busca por uma teoria unificada da física.

UMA QUESTÃO DE TEMPO

PERSONAGENS

ELISA E IRENE, duas jovens actrizes
RAFAEL, um actor, também jovem
ARTUR, entre outras coisas, o encenador
LUÍS JERÓNIMO ALEXANDRE AUGUSTO DA CONCEIÇÃO RAIMUNDO,
um espectador... muito especial

*«O tempo é porventura
a mais destrutiva invenção humana:
Que eficácia tem a destruir o presente!
Como torna distantes as coisas e as pessoas!»*

DANIEL DOMINGUES DIAS

Uma sala de dimensões consideráveis. À boca de cena, uma pequena mesa e duas cadeiras, uma de cada lado da mesa. Porta à esquerda, dando para o exterior. Na parede do fundo, uma janela, que tanto pode ser «real» como «pintada», muito embora a solução escolhida venha a condicionar, de certo modo, a linha do espectáculo... Voltada para a janela e, por consequência, de costas para o público, uma cadeira. A um canto da sala, numerosos móveis, cobertos com panos brancos. Nas rubricas chamar-lhe-emos, por vezes, «zona dos móveis».

À boca de cena encontram-se sentadas duas personagens ainda jovens e vestidas com simplicidade: Elisa e Rafael. Qualquer delas está concentrada na leitura de um «dossier». Ao fundo e de costas para o público, está sentada uma outra personagem — Irene — também jovem e igualmente vestida com simplicidade. Não parece interessada no que se passa na sala, podendo supor-se que estará a observar a rua, talvez mesmo a comunicar em silêncio com alguém.

Após um tempo mais ou menos longo, Rafael suspira e, dando por finda a leitura, fecha o «dossier», com expressão de desagrado.

RAFAEL (*para Elisa, brandindo o «dossier»*) — ... Mas afinal o que é que este gajo pensa?... Hem?... O que é que ele quer que a gente faça com isto?... Esta...

ELISA (*interrompendo-o; a meia voz, calmamente e sem abandonar a leitura*) — Espera, homem... Espera lá...

RAFAEL (*folheando, com impaciência, o seu «dossier»*) — O ponto de partida... enfim... não digo que não... até era capaz de funcionar. (*Pausa.*) Mas francamente... embora a cena final possa ter também uma certa... (*Hesitando no termo.*) ...probabilidade (*Pausa.*) Francamente! (*Pausa.*) Não é um trabalho que se apresente. (*Pausa.*) A sua estrutura — se é que podemos falar de estrutura! — é uma manta de retalhos, um disparate. (*Pausa.*) Às vezes — e a despropósito! — o texto perde-se num delírio inútil de explicações... Outras vezes, porém, pelo contrário...

ELISA (*sorridente*) — O que é que tu queres?... Há muitas maneiras de trabalhar... É uma pessoa, se quiser conviver com os outros... (*Calma-mente fecha o «dossier», pondo-o em cima da mesa.*)

RAFAEL (*levemente irritado*) — Pois é!... Para a menina é tudo muito fácil, está habituada... Mas eu é que não conheço o sujeito de lado nenhum!... E sempre gostava de saber porque é que o cavalheiro, em vez de produzir uma obra com pés e cabeça, resolveu atirar para cima de nós com esta porcaria destes fragmentos... esta hipótese remota de uma hipotética peça de Teatro! (*Furioso, atira com o «dossier» para cima da mesa. Pausa. Acalmando um pouco.*) Sim, porquê?! (*Pausa.*) É isso mesmo que eu gostava de saber!

(*Elisa sorri; Rafael encara-a, com intensidade. Alguém bate à porta, por três vezes; talvez com o pé mas sem violência.*)

ELISA (*sorrindo abertamente a Rafael*) — Pergunta-lhe... (*Apontando para a porta da esquerda.*) Vai abrir a porta e conversa com ele... (*Irónica.*) Vocês até falam português, os dois...

(*Embora reticente, Rafael vai abrir a porta. Surge no limiar um homem de idade indefinida, mas certamente mais velho que qualquer das personagens até agora em cena. É o Dramaturgo. Chama-se Artur. Vem de gabardina e chapéu-de-chuva aberto. Traz consigo uma pasta bastante volumosa, a abarro-*